

## MAFALDA E O (DES)EQUILÍBRIO ENTRE KREMLIN E PENTÁGONO

Aluna: Denise Miotto Mazocco

Orientador: Dennison de Oliveira

Palavras-chave: Quadrinhos, Mafalda, Guerra Fria

A produção de história em quadrinhos se consolida no século XX. Por um lado, essa produção veicula ideologias conservadoras, liberais, imperialistas (como o Pato Donald<sup>1</sup>), entre outras. Por outro, constitui um espaço de críticas. No período pós-guerra, prevalecem as HQs que traziam a ideologia americana. Já, na virada dos anos 60-70, surgem os quadrinhos, embalados pela contracultura, de contestação social e política.

É nos anos 60 que se inicia a produção da fonte que constitui objeto deste estudo: as tiras da Mafalda. Conforme Marcos Nicolau as tirinhas de jornal – com forma própria representante de práticas socioculturais dentro da imprensa – têm a função de construir uma visão de mundo de modo humorístico e crítico. Nicolau afirma que por trás do propósito do entretenimento com o uso do humor, a tira ironiza, satiriza e provoca reflexões a respeito de fatos comuns e também de questões mais sérias do país e do mundo<sup>2</sup>.

Entre os anos 1964 e 1973, o autor humorista argentino Quino constrói a personagem Mafalda que pertence a uma família da classe média urbana argentina. Quino explora várias temáticas, tais como a Guerra Fria, a Guerra do Vietnã, o medo do comunismo, o capitalismo – representado pelo personagem Manolito –, o socialismo – com a personagem Liberdade –, o cotidiano da classe média argentina, as influências dos produtos americanos no universo infantil, os valores humanos, a emancipação da mulher, políticas governamentais, entre outros. Mafalda demonstra um grande pessimismo com relação ao governo e às autoridades políticas nacionais e internacionais, daí a criação de tiras sobre a ONU, sobre as relações entre países, a função do presidente e políticas públicas. Esta pesquisa privilegiou as tiras cujo tema em comum é as relações políticas internacionais na década de 60 e início da década de 70 do século XX.

Objetiva-se analisar como as relações internacionais do período destacado são criticadas, ironizadas por Quino. Para tanto, foram selecionadas 17 tiras e dividiu-se o trabalho em três etapas: (i) discussão sobre a produção de histórias em quadrinhos; (ii) revisão historiográfica sobre as relações internacionais do período e suas repercussões no contexto latino-americano, argentino, principalmente; e (iii) análise das tiras selecionadas, com ênfase na utilização do conceito de ironia.

A respeito das histórias em quadrinhos, entende-se que essa produção não é independente de um contexto político e social. Para essa discussão, este trabalho buscou os autores Moacyr Cirne e Umberto Eco. Ambos tratam dos quadrinhos como produtos da cultura de massa. No entanto, enquanto o primeiro enfatiza a natureza política e ideológica dessa produção, o segundo destaca a procura consciente do leitor por esse tipo de entretenimento como forma de fruição, bem como enfatiza o papel do autor.

---

<sup>1</sup> A respeito da relação entre Pato Donald e Imperialismo ver OLIVEIRA, D. . *Walt Disney e Karl Marx: interpretações do imperialismo (1870-1918)*. In: DORÉ, A. ; LIMA, L. F. S. ; SILVA, L. G.. (Org.). *Facetas do império na História: conceitos e métodos*. 1 ed. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

<sup>2</sup> NICOLAU, Marcos. *Tirinha: A síntese criativa de um gênero jornalístico*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2007.

Segundo Cirne, a história das HQs está diretamente ligada à história dos avanços técnicos da imprensa, da ilustração e da caricatura e, até, à do cinema. Cirne enfatiza que o quadrinho existe econômica, política e ideologicamente, apesar de ser criado e fantasiado. A saga dos super-heróis é proveniente do contexto de apogeu do nazismo e da Segunda Guerra Mundial, os protestos sociais dos anos 60 e a contracultura influenciaram os comix underground e o novo quadrinho europeu, por exemplo. Assim como toda a arte é política, todo o quadrinho é político, de modo que toda obra contém, direta ou indiretamente, conotações políticas ora liberais, ora conservadoras, ora revolucionárias.<sup>3</sup>

Umberto Eco, por sua vez, não nega que as HQs surgiram com a indústria cultural. Ao analisar as histórias do Super-homem, constata que os quadrinhos constituem um produto industrial, de modo a funcionar como uma imposição do sistema e reforço dos mitos e valores vigentes. No entanto, o próprio autor questiona o agrupamento de toda produção quadrinística no âmbito da rede industrial-comercial, bem como não defende que as criações estilísticas do gênero possuem apenas a função de evasão e de mascaramento da realidade. Eco atribui, portanto, à genialidade do autor a capacidade de elaborar um discurso incisivo capaz de dominar as condições pelas quais se move.<sup>4</sup> Levanta-se a hipótese de que Quino é um exemplo desse autor.

A produção de quadrinhos está diretamente vinculada ao período pós-guerra, denominado Guerra Fria, uma vez que veiculam traços sociais, culturais, políticos que foram transformados nesse contexto.

Nesse período, conviviam-se com a possibilidade diária de um enfrentamento direto entre EUA e URSS, dado o investimento maciço em armas por ambos os lados. No entanto, Eric Hobsbawm afirma que as duas grandes potências procuraram evitar um confronto direto, assim supunham que a coexistência pacífica entre si era possível. O autor explica que os governos aceitaram a divisão global de forças feita após a segunda guerra, apesar da profusão de discursos ameaçadores produzidos por esses países. A princípio, segundo Hobsbawm, a URSS dominava parte dos países sob as forças comunistas e não tentava ampliá-la pelo uso da força militar, enquanto os EUA controlavam o resto do mundo capitalista, assumiam a hegemonia das antigas potências coloniais, porém não intervinham no espaço aceito de domínio soviético.<sup>5</sup>

Desta feita, identifica-se a divisão do mundo em dois blocos, principalmente após a recusa da URSS de participar do Fundo Monetário Internacional e do Banco Internacional. Conforme Paul Kennedy, EUA e URSS eram as únicas nações capazes de influir no destino de metade do globo. A disputa ideológica acompanha essa divisão, como constata Kennedy liberalismo e comunismo, como ideias universais, eram mutuamente excludentes. Nesse sentido, surgem propostas como a Doutrina Truman.<sup>6</sup>

É importante destacar a criação (em 1945, quando foi assinada a Carta das Nações Unidas, em São Francisco) e atuação da Organização das Nações Unidas (ONU). Conforme Luiz Roberto Lopez, dois obstáculos no pós-guerra prejudicavam o cumprimento dos seus altos propósitos: a Guerra Fria e o direito de veto dos cinco membros permanentes do Conselho de Segurança – Inglaterra, França, China Popular (desde 1971), EUA e URSS – como elementos que bloqueiam as decisões diplomáticas.<sup>7</sup> A Guerra Fria possibilitou o surgimento de blocos, de organismos internacionais regionais e colaterais à ONU.

---

<sup>3</sup> CIRNE, Moacy. *Uma introdução política aos quadrinhos*. Rio de Janeiro: Angra, 1982.

<sup>4</sup> ECO, Umberto. *Apocalípticos e Integrados*. São Paulo: Perspectiva, 1970.

<sup>5</sup> HOBBSAWM, Eric. *A era dos extremos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

<sup>6</sup> KENNEDY, Paul M. *Ascensão e queda das grandes potências*. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

<sup>7</sup> LOPEZ, Luiz Roberto. *História do Século XX*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

Ainda sobre a ONU, é pertinente para esta pesquisa destacar a defesa do princípio de Autodeterminação dos povos, invocado – não só, mas aqui se destaca – na Declaração das Nações Unidas (1º de janeiro de 1942) e na Conferência de Yalta (10 de fevereiro de 1945). Esse princípio é considerado como um dos principais fins da Organização, principalmente no que diz respeito à defesa dos direitos humanos. Entende-se como Autodeterminação o direito de um povo de não ser submetido a outro Estado contra sua vontade e de se desvincular de um Estado ao qual não quer se sujeitar, bem como o direito de um povo de escolher a forma de Governo dentro de um Estado.<sup>8</sup>

Observa-se nas tiras de Quino que essa disputa entre as duas potências impactou, e foi recebida, de alguma forma na América Latina: ora por meio dos meios de comunicação – nota-se que Mafalda dialoga com as notícias mundiais por meio do rádio, da televisão e do jornal –, ora pela observação das reações dos personagens – o medo do comunismo e das armas nucleares, por exemplo.

Quanto à América Latina, compreende-se que, contraditoriamente ao crescimento urbano, ao desenvolvimento e à modernização, predominava nas cidades latino-americanas a desigualdade social, gerada pela distribuição desigual de renda. Observa-se, conforme Oliveira e Roberts, que ocorre o aumento do número de trabalhadores da indústria e do setor de serviços, bem como consolida-se a classe média assalariada que dependia do Estado e das empresas privadas<sup>9</sup>.

No final dos anos 50, acentua-se a internacionalização das economias urbanas. As indústrias dos países latino-americanos passaram a utilizar mais capital do que trabalho, o que permitiu uniões com empresas multinacionais. Lopez observa que, nesse período, a América Latina, assim como o caso da Índia, não obteve uma emancipação política suficiente para que a economia atingisse um nível significativo de autonomia; empresas estrangeiras multinacionais receberam grandes incentivos e vantagens. Nesse sentido, predominava o intervencionismo dos EUA.<sup>10</sup> Destaca-se o período do final da década de 50 pela entrada da Argentina no FMI e no Banco Mundial. Entre 1966 e 1972 o país passa por um período de regime autoritário. No final da década de 60, cresce no país a mobilização estudantil e operária, relacionadas, de certa forma, às mobilizações sociais representadas pelo ano de 1968. A respeito dessa década, Luiz Alberto Romero aponta que se acentuou o anticomunismo na Argentina, por parte da direita, do liberalismo antiperonista e da Igreja. Era a entrada do país, bem como da América Latina, na Guerra Fria. Os militares – sob a influência dos norte-americanos, com o pretexto de manter a segurança interna, assumiram a postura anticomunista também. A partir da década de 70, as economias latino-americanas tornaram-se cada vez mais dependentes dos investimentos externos.<sup>11</sup>

Para este trabalho, vale observar as décadas de 60 e 70 conforme David Harvey. Para o autor, a crise dos anos 70 leva à passagem do fordismo para a acumulação flexível, e, conseqüentemente, gera maior flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo. Procuram-se novas experiências na organização industrial, da vida social e política. Nesse sentido, movimentos contraculturais e pós-modernistas aparecem nos anos 60, como uma reação à alta cultura modernista, às conseqüências políticas da combinação entre capitalismo e

---

<sup>8</sup> BALDI, Carlo. *Autodeterminação*. In: BOBBIO, Norberto; et al; Dicionário de Política. Brasília: Unb, 2007.

<sup>9</sup> OLIVEIRA, Orlandina de & ROBERTS, Bryan. *O crescimento urbano e a estrutura urbana na América Latina, 1930-1990*. In: BETHELL, Leslie. História da América Latina: A América Latina Após 1930. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2005.

<sup>10</sup> LOPEZ, Luiz Roberto. *Ops cit.* p.133.

<sup>11</sup> ROMERO, Luis Alberto. *História contemporânea da Argentina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p.136.

imperialismo. Em oposição à racionalidade técnico-burocrática e às formas de poder institucionalizado, explora-se a autorrealização individualizada, incorporam-se manifestações antiautoritárias e a crítica à vida cotidiana, manifestadas por hábitos iconoclastas – na música no vestuário, na linguagem e no estilo de vida. Entre 1968 e 1972 emerge, segundo Harvey, o pós-modernismo, cuja arte busca a fragmentação, instabilidade da linguagem e dos discursos. Enquanto o modernismo concebia uma relação direta entre o dito e o como era dito, o pós-modernismo traz a percepção das diversas possibilidades de combinação e transformação de ambos.<sup>12</sup> Daí a ironia, conceito utilizado na análise das tiras.

Não se encontraram indicações de que Quino era adepto da contracultura, mas suas críticas possivelmente anunciam traços pós-modernos. É evidente que o autor acompanha as mudanças políticas, econômicas e sociais, que impactam de modo recíproco em alterações culturais – já que a fonte deste trabalho consiste em uma produção quadrinística. O autor se utiliza de elementos comuns à sociedade argentina – tais como a construção da família nuclear característica da classe média crescente, a relação das pessoas com os meios de comunicação e a ambientação urbana.

Para a análise das tiras, a pesquisa seguiu as indicações de Paulo Ramos segundo qual, a leitura de HQs demanda do leitor o conhecimento dos personagens, o domínio prévio de padrões de referência, elementos gráficos do gênero, tais como balões, expressões faciais dos personagens, movimentos, elementos que indicam espaço e passagem do tempo, vinhetas e hiatos entre cada quadrinho – o que compõe a sequência da tira.<sup>13</sup> A articulação entre elementos verbais e não verbais produz a comicidade nas tiras – garantida pelo final inesperado. A fim de analisar esse efeito de humor (por meio do qual Quino produz as críticas), utiliza-se aqui o conceito de ironia.

Conforme Beth Braith a ironia ocorre a partir de um discurso produzido sobre discursos formados anteriormente (já-ditos), recuperados na/pela memória discursiva<sup>14</sup>. Nesse processo irônico o já-dito é desqualificado<sup>15</sup>. Dessa forma, a construção e percepção do humor, gerado pela ironia, auxilia a observação de aspectos de uma dada cultura e sociedade, já que valores sociais fazem parte da natureza do humor. Assim, essas manifestações podem revelar a agressão a instituições vigentes e aspectos encobertos por discursos oficiais.

Das 17 tiras analisadas, foram selecionadas duas para compor este resumo. Na primeira tira<sup>16</sup>, a pergunta do pai da Mafalda – se o jornal é velho ou é de hoje – tem um sentido temporal, refere-se à data do jornal. A data indica para Mafalda que o jornal é de ‘hoje’, mas a manchete apresentada, para a personagem, é velha, ou seja, é uma informação que já apareceu outras vezes nos jornais. Quino, dessa forma, recupera discurso já-dito – ‘A URSS recusa uma proposta norte-americana’ – e o coloca na contradição velho-novo; assim, ironicamente, expõe-se esse desentendimento entre URSS e EUA como fato corriqueiro, até atemporal:

---

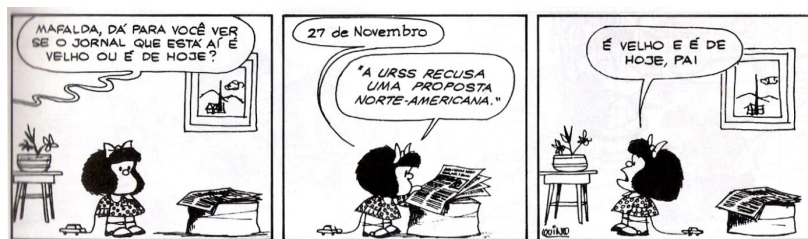
<sup>12</sup> HARVEY, David. *Condição Pós-moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

<sup>13</sup> RAMOS, P. E. *Tiras cômicas e piadas: duas leituras, um efeito de humor*. Tese de doutorado apresentada ao programa de pós-graduação em Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2007.

<sup>14</sup> Saber pré-construído que torna possível todo o dizer.

<sup>15</sup> Utiliza-se a definição de ironia sob o viés da Análise do Discurso. Apresenta-se essa discussão em: BRAITH, B. *Ironia em perspectiva polifônica*. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1996.

<sup>16</sup> Ambas as tiras – e as demais analisadas nesta pesquisa – foram retiradas de QUINO. *Toda a Mafalda*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.



Na segunda tira, aparece um meio de comunicação com o qual a personagem dialoga, o rádio. Os veículos de comunicação em Mafalda – rádio, jornal e televisão – trazem as notícias cotidianas, funcionando como o meio de contato das personagens com os desdobramentos políticos nacionais e internacionais. A postura de Mafalda diante dessas informações é de contestação, porém de contestação ingênua, um tanto confusa (como observou Eco), no sentido de não compreender exatamente as causas e desfechos dos acontecimentos veiculados. O primeiro quadro da tira traz a notícia, o fato, ‘Desarmamento’ é a referência direta à indústria de produção de armamentos no período em questão e, conseqüentemente, ao medo de uma guerra eminente. Chama a atenção de Mafalda a palavra ‘exortação’, cujo significado é “animar com palavras”. Ao considerar ‘perda de tempo’, alterando/expandindo o significado do termo, a personagem ironiza a atitude do secretário, como uma tentativa inútil de solucionar o problema do desarmamento. Entende-se que a intervenção do secretário da ONU não é eficaz, funcional; URSS e EUA estavam, portanto, acima dessa instituição.



Ambas as tiras constituem exemplos das críticas de Quino às Relações Internacionais nos anos 60 e início dos anos 70. O autor acompanha as alterações política e sociais do período e confere às tiras a denúncia do constante relacionamento animoso entre EUA e URSS, da ineficiência da ONU na resolução de querelas internacionais, da sobreposição dessas potências às suas respectivas áreas de influência – daí o traço anti-imperialista de algumas das tiras observadas –, em que se acrescenta a crítica tanto à ideologia capitalista quanto à comunista, bem como evidencia a reação das pessoas – representadas por Mafalda e os demais personagens – diante da ameaça nuclear e do comunismo. Quino, nessa produção, é o autor de Eco, aquele que critica determinados valores e aspectos utilizando-se de um meio – produtos de cultura de massa, como os quadrinhos – usados originalmente para divulgá-los.

Observa-se, assim, a relevância das tiras de Mafalda como fonte para o estudo dos temas acima pontados, uma vez que, ao produzir o humor, a tira recupera aspectos culturais e sociais e fatos cotidianos, políticos ou econômicos, e questiona/critica. Obtém-se, portanto, evidências do que se lia, ouvia, discutia, temia no período e local em que as tiras eram publicadas. Desse modo, pode-se chegar ao leitor, dado que, para a compreensão da ironia – processo que gera o efeito de humor – esses aspectos e fatos (discursos), que serão contrapostos, são compartilhados<sup>17</sup>.

<sup>17</sup> Apesar dessa menção ao leitor, não constitui a proposta deste trabalho o estudo da recepção das tiras.